

Revolução Publicada: olhares conflitantes da Revolução Mexicana na imprensa brasileira

Fábio da Silva Sousa *

Resumo: No início do século XX, enquanto o Brasil ainda fincava as bases de sua recém proclamada República, no México, eclodiu uma Revolução que tomou caminhos imprevisíveis, tornando-se um dos eventos mais emblemáticos da História Latino Americana. Não ficando circunscrita em seus limites territoriais, esse evento foi acompanhado com entusiasmo pelo nascente movimento operário brasileiro, por meio de seu principal meio de comunicação, o jornal operário. Nessa comunicação, apresentaremos como a Revolução do México começou a ser publicada nessas folhas de combate e como esses textos impressos entraram em choque com o que era publicado pela grande imprensa.

Palavras-chaves: Revolução Mexicana, Brasil republicano, Imprensa operária.

Abstract: At the beginning of the twentieth century, while Brazil also fincas the basis of their newly proclaimed Republic, Mexico, a revolution broke out which took unpredictable ways, making it one of the most emblematic of Latin American History. Not being limited in its territorial limits, this event was accompanied by enthusiastic Brazilian source movement, through its principal means of communication, the newspaper workers. In this communication, presented as the Mexican Revolution began to be published in these pages and how to combat these printed texts into shock with what was published by the mainstream press.

Keywords: Mexican Revolution, Brazil Republican, Press workwoman.

Quando a Revolução eclodiu no México com o chamado do Plano de San Luis Postosí, de Francisco Ignacio Madero, que tinha como característica peculiar a data e a hora precisa do levante, 20 de novembro de 1910, às 18 horas (BARBOSA, 2007: 02), a sociedade brasileira estava vivendo o seu período tradicionalmente conhecido como *Belle Époque* e consolidava o seu recente regime republicano. Segundo Ângela Marquez da Costa e Lilia Moritz Schwarcz, nesse período “o Brasil entrava no século XX tão confiante como as demais nações”, e a República apresentava a modernidade que deixava de lado a “*letargia da monarquia*” somado com a “*barbárie da escravidão*”. Todavia, apesar dessa imagem de otimismo e progresso, esse período também foi repleto de contradições e conflitos sociais. O massacre do movimento de Canudos (1893 – 1897), liderado por Antonio Conselheiro e de posição monarquista, a Revolta da Vacina (1904), a política do “*Bota Abaixo*” realizado pelo prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos (1902-1906), a Revolta da Chibata (1910) e o conflito do Contestado (1912-1916), são alguns exemplos de que a

* Universidade Estadual Paulista. Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras / Campus Assis; Mestrando em História Social; bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. FAPESP.

modernidade e a *época bela* não foi vivenciada por toda a população brasileira (COSTA & SCHWARCZ, 2000: 12 – 27).

Também conhecido como o século do socialismo, nesse período temos a formação de uma classe e de um movimento operário. Com o advento da industrialização, o operariado brasileiro formou-se na Primeira República, cronologicamente situada entre os anos de 1889 até 1930, substituindo em definitivo a mão-de-obra do extinto sistema escravista. Participante do desenvolvimento tardio do capitalismo brasileiro, em comparação com a sociedade européia, o proletariado brasileiro contava em suas fileiras com uma grande participação de imigrantes europeus, cuja vinda foi incentivada e financiada pelo governo da época (BATALHA, 2000).

A formação de uma consciência política e libertária esteve presente em diversas pesquisas pioneiras sobre o operariado brasileiro. Algumas dessas obras clássicas defenderam que a influência européia, denominada de *planta exótica*, explicaria a origem do proletariado e da conseqüente introdução e hegemonia da corrente anarquista no início da república “[...] o anarquismo se converteria na principal corrente organizatória do movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo” (FAUSTO, 1977: 62). Essa interpretação estruturalista, que coloca como fundamental o papel do imigrante na formação de uma consciência libertária no movimento proletário, foi bastante criticada por Cláudio Batalha (BATALHA, 2003: 165-170) e discutida por Edgard Carone, em seus pioneiros estudos sobre a classe operária brasileira (CARONE, 1979). Inicialmente, essa classe proletária saudou o advento da República, acreditando em suas promessas progressista. Contudo, como afirma José Murilo de Carvalho, essa afinidade com o novo regime não tardou em esmorecer “Os operários, ou parte deles, acreditaram nas promessas do novo regime, tentaram organizar-se em partidos, promoveram greves, seja por motivos políticos, seja em defesa de seu poder aquisitivo erodido pela inflação” (CARVALHO, 1987: 22). Em suma, foi nessa recém sociedade republicana e contraditória, que almejava ser iluminada pelas luzes européias e ao mesmo tempo desenvolveu o pensamento anarquista e libertário, que a Revolução Mexicana chegou por meio das folhas impressas.

Pela conhecida *grande imprensa*¹, em especial o jornal *O Estado de S. Paulo*, *OESP*, as primeiras notícias da Revolução Mexicana foram publicadas por meio de informações provenientes das agências de notícias, em especial a Havas. Com o agravamento do conflito, o

¹ Nelson Werneck Sodré foi pioneiro em definir o conceito de “grande imprensa”, das relações entre capitalismo e meios de comunicação. Recentemente, esse conceito foi atualizado e discutido por Tânia Regina de Luca. Para mais detalhes, consultar: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 e LUCA, Tania Regina de. *A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX*. In.: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.p.162-163.

diplomata Manuel de Oliveira Lima entre outros personalidades, também publicaram textos referentes aos acontecimentos no México.

Tanto os artigos, como as notas das agências de notícias, trataram a Revolução Mexicana de forma crítica, às vezes a denominando de “*barbárie*” ou negativamente de “*anárquica*”. Oliveira Lima expressou bem essa crítica no artigo *A situação do México*, publicado no OESP de 27 de maio de 1911, afirmando que “[...] A ditadura encaminha-se novamente para a anarquia [...]” (O Estado de S. Paulo, “A Situação do México”, [?] 27/05/1911 – Pág.03). Reforçando o argumento exposto, a nota intitulada *A Revolução do México*, segue essa criticando o processo revolucionário “Reina a anarquia em todo o México. Os revoltosos estão senhores de várias cidades. Os jornais noticiam que em um combate ontem travado perto de [...] 1.100 revoltosos tiveram 37 mortos e a guarda rural onze mortos e nove feridos” (O Estado de S. Paulo, “A Revolução no México”. edº 12.120, 22/02/1912 – Pág.03).

Os rebeldes revolucionários também eram descritos de forma bastante depreciativa. Sobre Emiliano Zapata e seu Exército Revolucionário do Sul, foram publicadas notas que relatavam supostas violências cometidas pelos revolucionários a inocentes

Durante semana passada, nas localidades ocupadas pelos rebeldes, registraram-se quarenta suicídios de mulheres, em consequência dos maus tratos a que as sujeitavam os insurrectos. Os cônsules, nos relatórios dirigidos aos governos dos seus países, dizem que os revolucionários têm-se portado como verdadeiros bandidos, saqueando e incendiando a maior parte das casas do bairro commercial. (O Estado de S. Paulo, “As atrocidades e violência dos rebeldes”. edº 12.614, 02/07/1913 – Pág.02)

Essa interpretação negativa guiou todas as notícias que foram publicadas no *OESP*, fossem elas artigos ou notas informativas. Criticando essa postura editorial, períodos produzidos pelo movimento operário brasileiro, também publicaram matérias referentes à Revolução do México, com uma tendência bastante distinta do renomado periódico de tendência liberal.

Uma das primeiras folhas impressa a publicar notícia sobre a Revolução Mexicana, foi o periódico *La Battaglia*. Fundado em 1901 por operários gráficos imigrantes (FERREIRA, 1978: 90), era editado em italiano e as primeiras matérias sobre a Revolução Mexicana foram extraídas e traduzidas do *Regeneración*. Fundado em 1900 na Cidade do México pelos irmãos Ricardo e Jesús Flores Magón, o *Regeneración* era a publicação oficial do Partido Liberal Mexicano, PLM e foi o principal periódico de oposição à ditadura de Porfirio Díaz, além de

ser o principal meio de comunicação de divulgação de ideais anarquista/libertários no período revolucionário mexicano ².

A primeira referência sobre a guerra civil revolucionária mexicana, foi publicada na edição de nº 307, informando sobre a criação de um comitê de solidariedade aos revolucionários do México “Invitáse a todos los compañeros à la reunión que tendrá lugar el domingo 28 del etc. à las 3 de la tarde en le sitio que se designará por medio de los diarios de esta localidad. En dicha reunion se resolverá nuestra actitud frente al movimiento revolucionário de México” (La Battaglia, “Comitê Pró-revolucionários Mexicanos”, ed. nº307. 28/05/1911, Pág04).

A segunda matéria sobre a Revolução Mexicana encontrasse na edição de nº 308, de 04 de Junho de 1911. Com o título traduzido de *Revolucionário do México, Aos trabalhadores de todo o mundo*, essa matéria é uma tradução direta do artigo *MANIFIESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo*, publicado na 32ª edição do *Regeneración*, de 08 de abril de 1911. O que chama bastante atenção, é que esse mesmo texto foi também foi reproduzido integralmente na edição de nº 01 da *A Guerra Social*, publicado em 29 de Junho de 1911, com o título de *Em marcha para a Anarquia*

Companheiros: Vai para quatro mezes que a bandeira vermelha do proletariado flameja nos campos de batalha no México, sustentada por operários emancipados, cujas aspirações se compendiam neste sublime grito de guerra: *Terra e Liberdade* (...) Estes revolucionários estão representados pela Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, (...) cujo órgão official, *Regeneración*, explica com clarividência as suas tendências. (A Guerra Social, “Em marcha para a Anarquia”, ed. nº 1. 29/06/1911, Pág.02)

Segundo essa nota, o processo revolucionário mexicano foi guiado por operários com ideais anarquistas/libertários, que tinham o Partido Liberal Mexicano, PLM, como seu representante e o periódico *Regeneración*, como fonte privilegiada e fidedigna de informação sobre os acontecimentos no México. No *La Battaglia*, também encontramos essa denominação importante para o *Regeneración* como fonte de informações oficiais para os acontecimentos do México Revolucionário. Continuando, o texto critica abertamente

² Sobre a trajetória do *Regeneración*, como dos irmãos Flores Magón, indicamos as seguintes leituras: MAGÓN, Flores. *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003; ZARCONE, Pier Francesco. *Os Anarquistas na Revolução Mexicana*. São Paulo: Faísca, 2006; PAULA, Melissa Carolina Marques Santos e. *Ricardo Flores Magón e a propaganda do Partido Liberal Mexicano (1900-1911)*. Tese de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Julio de Mesquita Filho (UNESP). Franca: UNESP, 2005 e SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana*. São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé/Faísca/FARJ, 2006.

Francisco I. Madero, autor do Plano de San Luis Potosi e articulador da queda de Porfírio Díaz naquele turbulento momento

O Partido Liberal Mexicano não luta para derrubar o ditador Porfírio Díaz e pôr em seu lugar um novo tyranno (...) encontra-se igualmente com as armas na mão um outro partido: o Anti-reelecionista, cujo chefe, Francisco Madero, é um milionario que tem visto augmentar a sua fabulosa fortuna com o suor e com as lagrimas dos colonos de suas fazendas. (A Guerra Social, “Em marcha para a Anarquia”, ed. n° 1. 29/06/1911, Pág.02)

Em outra nota, os redatores da *A Guerra Social*, afirmam que a imprensa burguesa ignorou os acontecimentos mexicanos, em razão da sua postura social e do temor de que esse evento pudesse servir de inspiração para outros ímpetos revolucionários ao redor do mundo

Continua impávida a revolução libertadora apesar da imprensa burguesa não publicar quaesquer noticias sobre o movimento. Mas compreende-se perfeitamente a razão deste silencio. Tudo que se relacione com a libertação do povo é por ela negado á publicidade, para que o exemplo rebelde não atue no espírito daqueles que estão distantes dos locais aonde esses movimentos se verificam. (A Guerra Social, “No México”, ed. n° 5. 03/09/1911, Pág.02)

Outra publicação bastante significativa da imprensa operária, o periódico *A Voz do Trabalhador*, noticiou a Revolução Mexicana em suas páginas mantendo as mesmas características apresentadas pelo *La Battaglia* e pela *A Guerra Social*, que se caracteriza pelo uso do *Regeneración* como meio fidedigno de informação, pela critica a chamada imprensa burguesa e pelo caráter social e libertário do México insurgente, como fica evidenciado na nota publicada na edição de n° 34

De vez em quando os jornais burguezes publicam telegramas, recebidos por vias indiretas, noticiando uma ou outra batalha no Mexico. Essas noticias, para quem não acompanhou o movimento desde o começo, podem levar a crer que a revolução no Mexico é feita com impulsos espasmódicos, que o governo consegue abafar imediatamente. Puro engano. A revolução, iniciada há trez anos com a queda do Diaz, continua até hoje com a mesma intensidade, e não cessará, embora apareçam “salvadores da situação” como Madero e Huerta, enquanto *peones* não obtenham o que tanto sangue lhes custou: a restituição das terras que lhes foram roubadas. Damos abaixo algumas notas do movimento revolucionário, extrahidas do seu organ oficial *Regeneración*, que se publica em Los Angels, Cal., Estados Unidos da America do Norte [...] (A Voz do Trabalhador, “Em outros países. México”, 01/07/1913 – n° 34 – Pág.03-04)

Pelo exposto, percebemos uma grande diferença de como os ecos da Revolução Mexicana foram *ouvidos* e interpretados pelo *OESP* e por algumas publicações produzidas pelos operários gráficos do movimento operário brasileiro do inicio do Século XX. Podemos afirmar que essa diferenciação na transmissão de informações sobre o processo revolucionário

mexicano, é resultado dos papéis ideológicos e dos projetos político assumido por essas duas formas de escrita impressa.

Considerações finais

O *Estado de S. Paulo* sempre esteve atuante nos debates políticos importantes de nossa sociedade, chegando a defender a abolição da escravatura e o advento da República. Segundo Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Coelho Prado, o referido periódico se apresentava como representante da democracia e do liberalismo em nossa sociedade (CAPELATO & PRADO, 1980). Colocando-se como defensores e interpretes das Luzes, o agravamento e o radicalismo da Revolução Mexicana não foi bem recebido pelo *OESP*. Contudo, é relevante citar que o jornal foi bastante favorável ao período inicial da Revolução, quando ela foi liderada por Madero que teve como grande motivador um discurso ideológico de instauração de uma política verdadeiramente democrática no México (WASSERMAN, 2002). A cobertura dos cinco dias do 1º Congresso Socialista Brasileiro, ocorrido em 1902 e o artigo elogioso à anarquista francesa Luise Michel, publicado em 1905 e assinado por Benjamim Mota, são exemplos de como o *OESP* se preocupava com o que se passava com o movimento operário, antes de voltar as suas atenções para o Estado e para as classes dominantes da elite (CAPELATO & PRADO, 1980 : XV).

Já os periódicos *La Battaglia*, *A Guerra Social* e *A Voz do Trabalhador* tiveram uma postura bastante distinta em descrever a Revolução Mexicana em suas páginas. Para os redatores gráficos operários, responsáveis por essas folhas ácratas, o radicalismo do processo revolucionário mexicano foi recebido com entusiasmo e alegria, sendo interpretado como um acontecimento libertário, protagonizado por operários mexicanos e orientado pela junta organizadora do PLM, em especial a figura de Ricardo Flores Magón, principal expoente, pensador e divulgador do anarquismo no México.

Contrastando com a postura política do *OESP*, os jornais produzidos pelo movimento operário brasileiro no início do Século XIX, apesar de algumas diferenças, possuíam em comum um discurso de defesa e de implementação de uma sociedade libertária/anarquista. Outra diferença relevante, é que os periódicos libertários podem ser considerados mais como impressos de alterações do que propriamente de informação. Enquanto o *OESP* em alguns períodos históricos mudou de postura e de opinião, como demonstramos acima, os impressos operários publicaram textos, crônicas ou eventos de apologia ao anarquismo e de divulgação de uma cultura libertária, que para Maurice Mouillaud é característico dessa forma de

imprensa "O jornal militante substitui à polifonia, de tal maneira que a sua voz é escutada em todos os níveis, o que pode causar uma certa redundância" (MOUILLAUD, 2002 : 185).

Apesar das diferenças de orientação política e estrutural apontadas acima, tanto o *Estado de S. Paulo* quanto os três periódicos operários mapeados até o presente momento da nossa pesquisa, interpretaram a Revolução Mexicana como um levante de ideais anarquistas e libertários, que no caso do primeiro periódico era negativo enquanto nos operários era positivo. Nesse caso, fica evidente que o significado e a representatividade da realidade por trás da palavra Anarquia era entendida de forma bastante distinta pelos redatores dos impressos pesquisados. Para os responsáveis pelo *OESP* era o caos, enquanto para os operários gráficos, era sinônimo de liberdade e de uma sociedade horizontalizada. Por detrás dessa interpretação, temos duas visões políticas conflituosas e deve-se levar em conta que todos os periódicos se colocaram como orientadores de projetos específicos da recém instaurada República, que para os primeiros deveria ser liberal e democrática e para os segundos, libertária e revolucionária.

Além disso, percebemos em algumas matérias publicadas que tanto o *La Battaglia*, como *A Guerra Social* e *A Voz do Trabalhador*, se colocaram como defensores de uma “Verdade” do México Revolucionário, usando como argumento que a grande imprensa burguesa, manipulou e publicou notícias inverossímeis sobre o mesmo acontecimento. Para reforçar esse argumento, todas as folhas operárias destacaram o *Regeneración* como o órgão oficial e orientador do processo revolucionário, que interpretamos como uma forma de legitimá-lo perante os seus leitores, cuja maioria era composta por indivíduos pertencentes à classe operária brasileira.

Pelo apresentado acima, tanto o *OESP*, quanto os periódicos operários, guiados por suas posições ideológicas e projetos políticos, publicaram informações tendenciosas sobre a Revolução Mexicana. O processo revolucionário do México não foi apenas uma barbárie anárquica como o *Estado de S. Paulo* colocou em suas páginas e também não foi predominantemente um evento libertário, protagonizado por um proletariado orientado pelo PLM, como foi publicado nas páginas do *La Battaglia*, da *A Guerra Social* e da *A Voz do Trabalhador*. A Revolução que derrubou Porfírio Díaz e criou as bases do Estado mexicano moderno foi um evento amplo, heterogêneo e complexo, de diversas facetas ideológicas e como definiu Jean Meyer Jr, foram várias revoluções dentro de uma ampla Revolução (MEYER JR, 2002 : 193).

Detectar essa pluralidade de motivações e de projetos políticos é essencial, uma vez que ele nos permitirá desenvolver uma compreensão de toda a representatividade efetuada por essa grande Revolução, que está no limiar de comemorar o seu centenário.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *20 de Novembro de 1910: a Revolução Mexicana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

BATALHA, Cláudio H.M. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. IN.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano, V.1). p. 165-170.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia *O Bravo Matutino (Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”)* São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Ângela Marquez da & SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Virando Séculos).

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890 – 1920)*. São Paulo: Difel, 1977.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In.: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.p.149-175.

MAGÓN, Flores. *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

MEYER JR, Jean. O México: Revolução e Reconstrução nos anos de 1920. In.: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag. Vol V. 2002. p.193-234.

MOUILLAUD, Maurice. Posturas do Leitor. In.: PORTO, Sérgio Dayrell. *O Jornal. Da forma ao sentido*. 2º Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.p.173-190.

PAULA, Melissa Carolina Marques Santos e *Ricardo Flores Magón e a propaganda do Partido Liberal Mexicano (1900-1911)*. Tese de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Julio de Mesquita Filho (UNESP). Franca: UNESP, 2005.

SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana*. São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé/Faísca/FARJ, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WASSERMAN, Claudia. *Palavra de Presidente*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

ZARCONI, Pier Francesco. *Os Anarquistas na Revolução Mexicana*. São Paulo: Faísca, 2006.

Fontes

A Guerra Social, ed. nº 1. 29/06/1911.

A Guerra Social, ed. nº 5. 03/09/1911.

A Voz do Trabalhador, ed. nº 34. 01/07/1913.

La Battaglia, ed. nº 307. 28/05/1911.

La Battaglia, ed. nº 308. 04/06/1911.

O Estado de S. Paulo [?] 27/05/1911.

O Estado de S. Paulo, edº 12.120. 22/02/1912.

O Estado de S. Paulo, edº 12.614. 02/07/1913.

Regeneración, ed. nº 32. 08/04/1911.